

Uma introdução à Análise de Categorização de Pertencimento: a construção interacional de categorias nas descrições sobre a cartunista e *crossdresser* Laerte no programa Roda Viva¹

An introduction to Membership Categorization Analysis: the interactional construction of categories in descriptions of the cartoonist and cross-dresser Laerte on the TV program Roda Viva

Victor Eduardo BRAGA²

Resumo

Este artigo apresenta a Análise de Categorização de Pertencimento (ACP), abordagem etnometodológica dedicada aos métodos pelos quais participantes de interações sociais produzem e interpretam categorias e seus predicados. Após expor conceitos centrais da ACP, analisa-se, em perspectiva êmica e sequencial, um trecho do programa Roda Viva, no qual a cartunista Laerte e a psicanalista Anna Verônica Mautner tematizam a categoria *crossdresser* e questões de gênero. A análise mostra que categorias como “classe média”, “classe alta”, “chique” e “tia” são organizadas localmente por um mecanismo de categorização ligado à estética, e não lidas literalmente como referências à classe social, à idade ou à família. O estudo evidencia como categorias, atividades e recursos sequenciais sustentam a construção situada da intersubjetividade e busca contribuir para ampliar o repertório teórico-metodológico dos estudos da comunicação.

Palavras-chave: Análise de Categorização de Pertencimento. Roda Viva. Contextualização. Gênero.

Abstract

This article introduces Membership Categorization Analysis (MCA), an ethnomethodological approach concerned with the methods through which participants in social interaction produce and interpret categories and their predicates. After outlining key MCA concepts, it offers an emic and sequential analysis of an excerpt from the TV program Roda Viva in which cartoonist Laerte and psychoanalyst Anna Verônica Mautner discuss the category cross-dresser and gender-related issues. The analysis shows that categories such as “middle class,” “upper class,” “chic,” and “aunt” are locally organized through a categorization device related to aesthetics rather than being read literally as references to social class, age, or family. The study highlights how categories,

¹ Este artigo é derivado de tese de doutoramento, defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa, sob o título *De Tinhorão a Caetano: processos de contextualização no programa Roda Viva*.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: victorbbraga@gmail.com

activities, and sequential resources support the situated construction of intersubjectivity and expands the theoretical and methodological repertoire of communication studies.

Keywords: Membership Categorization Analysis. Roda Viva. Contextualization. Gender.

Introdução

A Análise de Categorização de Pertencimento (ACP) – *Membership Categorization Analysis* (MCA), em inglês – é uma abordagem de orientação etnometodológica desenvolvida a partir das investigações realizadas pelo sociólogo Harvey Sacks na década de 1960. A ACP busca compreender os métodos empregados pelos participantes de interações sociais para produzir e interpretar signos categoremáticos, bem como os predicados e conhecimentos de senso comum associados a esses signos. Os signos categoremáticos são aqueles utilizados para “designar [...] coisas, pessoas, estados de coisas ou de pessoas” (Rodrigues, 2005, p. 80).

Na perspectiva da ACP, o sentido e a relevância dos signos categoremáticos não são universais nem independentes das circunstâncias em que são utilizados. Para esse campo de estudos, o mundo social não é formado por entidades autônomas, que existem independentemente dos sujeitos que a elas se referam e que, por isso mesmo, poderiam ser descritas por categorias estáveis, ou seja, com sentido absoluto e universal. A ACP encara tanto as entidades que constituem o mundo social como as categorias que as descrevem como objetos instáveis que só serão estabilizados nas diferentes situações concretas do cotidiano. Desse modo, tanto as entidades singulares do mundo social como as categorias que as descrevem só podem ser compreendidas contextualmente. O termo pertencimento, tradução de *membership*, refere-se, assim, à condição voluntária ou atribuída de ser membro de uma categoria (Braga e Gastaldo, 2019), mas sempre de forma situada.

O objetivo deste artigo é apresentar a *Análise de Categorização de Pertencimento* e alguns de seus principais conceitos. Além disso, buscamos demonstrar sua aplicação por meio da análise de um trecho de interação entre a cartunista Laerte e a psicanalista Anna Verônica Mautner, exibido em uma edição do programa Roda Viva da TV Cultura de São Paulo. Perguntamos como as participantes mobilizam e interpretam categorias de

pertencimento ao tematizarem a categoria *crossdresser* e questões relacionadas ao gênero, produzindo formas locais e situadas de compreensão intersubjetiva.

Acreditamos, tal como Adriana Braga e Édison Gastaldo, pioneiros na introdução da Análise de Categorização de Pertencimento no campo de estudos da comunicação no Brasil, que esse tipo de análise não recebe ainda a devida atenção nesse campo. Segundo eles, “a noção de pertencimento, embora se relacione com vários tópicos centrais da agenda de pesquisa da área – como identidade, política, gênero, representação social, mediação e estereótipo – permanece pouco explorada como tópico *per se*” (2019, p. 1). Ao articular a exposição de seus fundamentos conceituais à análise de uma interação concreta, o artigo pretende contribuir para a ampliação do repertório teórico-metodológico disponível aos estudos de comunicação.

A Análise de Categorização de Pertencimento: métodos interacionais de produção e interpretação de categorias

No artigo intitulado *On the analyzability of stories by children* (1974), Harvey Sacks analisa as duas primeiras frases de uma pequena história contada por uma criança de 2 anos e 9 meses: “O bebê chorou. A mamãe o pegou no colo”. A intenção de Sacks era compreender os métodos pelos quais nós somos capazes de produzir e entender as categorias de pertencimento. De acordo com Adriana Braga, Édison Gastaldo e Juliana Guimarães:

o ponto ressaltado por Sacks naquele artigo enfatizou os métodos culturais usados para categorizar as pessoas, e o modo como as categorias “bebê” e “mamãe” permitem a inferência segura de que a “mamãe” é a mãe *daquele* bebê, quando, em uma leitura gramatical estrita, isso é apenas uma possibilidade. (2016, p. 214-215)

A partir desse exemplo, Sacks mostra a complexidade dos processos inferenciais que emergem de um texto simples como esse, revelando os procedimentos interacionais que permitem aos interagentes decidir qual sentido de uma categoria é o relevante no contexto em que ela foi gerada. Para o autor, entendemos que aquela ‘mamãe’ é a mãe daquele ‘bebê’, pois associamos essas duas categorias – ‘mamãe’ e ‘bebê’ – a um mecanismo de categorização de pertencimento (*membership categorization device*) – doravante MCP – comum: o MCP ‘família’. Além disso, ao observarmos as ações que

estão sendo realizadas por essas categorias – ‘chorar’ e ‘pegar no colo’ –, as associamos, em grande parte das culturas, aos direitos e obrigações de um *par relacional padronizado* (par de categorias convencionais que expressam direitos e obrigações mútuas), o PRP ‘mãe-filho pequeno’. Assim, a ‘mamãe’ de um ‘bebê’ da mesma família tem a obrigação de pegá-lo no colo quando ele chorar (e chorar é um direito do bebê).

Aqui, uma das coisas mais importantes de se notar é o conceito de mecanismo de categorização de pertencimento (MCP). Segundo Georgia Lepper (2000, p. 16), Sacks desenvolveu esse conceito como uma maneira de definir, formalmente, o **contexto** em que a categoria é produzida e, conseqüentemente, a partir do qual deve ser lida. Só entendemos o sentido de um enunciado ao recorrermos ao contexto em que ele foi produzido. O conceito de MCP permite que o analista das categorizações perceba o contexto em que as categorias foram geradas para, assim, entender seu sentido situado.

O MCP nada mais é do que a coleção de categorias das quais a categoria analisada faz parte no “aqui e agora” de uma interação. Segundo Sacks, “É importante observar que uma coleção consiste em categorias que ‘andam juntas’”³ (1974, p. 219, tradução nossa). A categoria ‘bebê’, por exemplo, pode fazer parte da coleção ‘família’ – como mostrado no exemplo acima – mas também pode fazer parte da coleção ‘estágio de vida’. O MCP ‘família’ pode apresentar uma coleção de categorias que “andam juntas” – a depender da situação em que ocorrem –, tais como ‘bebê’, ‘tio’, ‘avô’ etc. O MCP ‘estágio de vida’ pode apresentar uma coleção de categorias que “andam juntas” – a depender da situação em que ocorrem –, tais como ‘bebê’, ‘velho’, ‘adolescente’, ‘jovem’ etc.

As categorias e os MCPs a que se conectam não formam uma grade pronta supostamente dada pelas estruturas socioculturais da sociedade, mas resultam sempre de uma montagem local feita pelos interagentes de acordo com os propósitos locais da interação. Poderíamos ter, numa situação hipotética, o MCP ‘estágio de vida’, em que as categorias que formam essa coleção fossem, por exemplo, ‘múmia’, ‘criança’ e ‘espermatozoide’. As categorias de pertencimento e os MCPs podem ser adotados localmente de forma bastante inesperada (daí a necessidade de se perceber a situação exata em que elas aparecem). Como lembram Ana Ostermann e Mariléia Sell,

Sacks nos dá o exemplo de categorias inesperadas formando uma coleção. É o caso de criança e cachorro, que são categorias não

³ No original: “It is important to observe that a collection consists of categories that ‘go together’”.

permitidas em um determinado condomínio residencial. Nesta situação, elas formam uma coleção, fato que nos alerta para olharmos os eventos de forma situada, pois as categorias e as coleções (conjunto de categorias com as quais estabelecemos afinidades de pertencimento) não são fixas e disponíveis em um catálogo de etiquetas que colamos às coisas para descrevê-las. (2009, p. 14)

A coleção (o MCP) que organiza as categorias ‘criança’ e ‘cachorro’ no exemplo dado por Sacks não é ‘estágio de vida’ ou ‘mamífero’, mas sim algo como a coleção ‘indesejados’, para os propósitos locais em que foram expressas. ‘Cachorro’ e ‘criança’ devem, ali, portanto, ser lidas contextualmente a partir do organizador “indesejados”, e isso trará consequências para o sentido concreto das categorias naquela situação – possivelmente, o sentido situado de ‘criança’ e ‘cachorro’, no exemplo dado por Sacks, se relaciona com ‘seres que fazem sujeira, bagunça e barulho’ e não com, por exemplo, ‘seres amorosos e alegres’, que seriam outros possíveis atributos dessas categorias em outro contexto. Em suma, a ACP centra sua atenção nas seleções pragmáticas dos membros no processo de produção e compreensão situada das categorias: “a maneira como as pessoas descrevem as coisas e raciocinam a respeito delas resulta de seleções pragmáticas feitas entre uma gama de possibilidades”⁴ (Baker, 1997, p. 164, tradução nossa).

Como vimos, a maneira de sabermos qual é o sentido situado das categorias é recorrendo ao contexto em que elas foram geradas. Esse contexto é expresso pelo MCP do qual elas fazem parte no “aqui e agora” de uma interação. Mas como chegar a esse contexto, ou seja, como perceber qual é o MCP selecionado localmente pelos participantes? De acordo com Sacks, os interagentes se valem de procedimentos padronizados que os auxiliam na produção e interpretação de categorias, ou seja, utilizam métodos para construir e localizar o contexto em que as categorias são produzidas. Esses procedimentos padronizados de produção e interpretação de signos categoremáticos são expressos por algumas *regras de aplicação* que explicam como a maquinaria de categorização funciona (Clifton, 2009, p. 2).

Uma dessas regras é a *regra da economia*. Ela nos informa que basta uma única categoria para caracterizar uma pessoa ou coisa numa situação (embora isso não inviabilize que a caracterização de uma pessoa ou coisa seja feita com várias categorias).

⁴ No original: “how people describe things and how they reason about them are pragmatic selections from a range of possibilities”.

Se um professor universitário apresenta um de seus alunos do curso de doutoramento para outros professores num congresso dentro da universidade, basta ele categorizá-lo, por exemplo, como “aluno do doutoramento”, sem a necessidade de recorrer a outras categorias válidas para aquele indivíduo como, talvez, ‘paulista’, ‘torcedor do Corinthians’ ou ‘amante de MPB’. De acordo com Gastaldo e Watson, “qual categoria será selecionada é uma questão de relevância contextual. Considerando essa relevância, uma categorização é, tipicamente, referencial: ninguém precisa proliferar descrições categoriais para referir uma pessoa em uma situação natural” (2015, p. 143). Apenas uma categoria é suficiente para evidenciar o contorno de relevância do contexto em que ela deve ser lida. Ao apresentar esse indivíduo como ‘aluno do doutoramento’, o professor está, na verdade, tornando relevante o MCP ‘membros do universo acadêmico’ e não o MCP ‘local de nascimento’, ‘torcida futebolística’ ou ‘gosto musical’. Para o “aqui e agora” daquela situação, aquele indivíduo é um membro do universo acadêmico e não um torcedor de futebol, por exemplo, mesmo que ele o seja em outras situações.

É claro que nem todas as categorias revelam de modo indubitável a qual MCP pertencem. Existem categorias ambíguas – tal como ‘bebê’ – como vimos anteriormente. Nesses casos, os participantes da interação recorrem a outros *inputs* contextuais que ajudarão no processo de inferência sobre a categoria produzida. No caso do exemplo acima, além de haver pouca possibilidade de ambiguidade na categoria ‘aluno do doutoramento’, fica bastante claro o sentido local desta categoria devido ao *input* contextual que é o fato de estarem no ambiente físico, por excelência, no qual o universo acadêmico se realiza: a universidade. Mas, nos casos em que as ambiguidades se tornam fortes, as *atividades categorialmente conectadas* (*category-bound activities*) constituem um dos *inputs* contextuais mais utilizados como recurso para a realização de inferências sobre uma categoria. As *atividades categorialmente conectadas* são as atividades ligadas localmente, pelos interagentes, às categorias com que fazem descrições – como no exemplo de Sacks: “o bebê [categoria] chorou [atividade]”. Isso leva a outra regra de aplicação – uma das *máximas do ouvinte* – que diz, segundo Sacks, que:

Quando se afirma que uma atividade vinculada a uma categoria foi realizada por um membro de determinada categoria, e essa categoria é ambígua – por integrar pelo menos dois dispositivos distintos –, deve-se entendê-la, no mínimo, como a categoria pertencente ao dispositivo

no qual aquela atividade é categorialmente vinculada⁵ (1974, p. 224, tradução nossa).

Mobilizando esse método – *máxima do ouvinte* – é possível fazer a inferência de que a categoria ‘bebê’, embora ambígua, pertence naquele caso, pelo menos à coleção (MCP) ‘estágio de vida’ – já que ‘chorar’ é uma atividade conectada a indivíduos em estágio inicial de desenvolvimento.

Um outro método para produção e interpretação de categorias é a *regra da consistência*. Essa regra apresenta mais de uma formulação, mas apresentamos aqui a formulação feita por Rod Watson e Édison Gastaldo, a partir das formulações de Sacks: “se duas categorias de pertencimento ocorrem próximas uma da outra, e elas podem ser consideradas como parte do mesmo MCP, então elas devem ser consideradas assim” (2015, p. 143). Portanto, no caso do exemplo dado por Sacks, a mobilização desse etnométodo permite a inferência de que as categorias ‘bebê’ e ‘mamãe’ pertencem à coleção ‘família’. E, como esse MCP (‘família’) tem a característica de ser *duplicativamente organizado* – ou seja, funciona como se fosse uma equipe –, mobilizamos ainda outro método – *a máxima do ouvinte para organização duplicativa*. Essa *regra de utilização* diz que “se duas ou mais categorias de pertencimento próximas são tratadas como parte do mesmo MCP, e este MCP é duplicativamente organizado, deve-se considerá-las assim” (Gastaldo e Watson, 2015, p. 143). Desse modo, não apenas entendemos ‘bebê’ e ‘mamãe’ como categorias pertencentes ao MCP ‘família’, como também entendemos que essa ‘mamãe’ e esse ‘bebê’ são da *mesma* família.

No processo de compreensão da pequena história contada pela criança, estamos ativando, ao mesmo tempo, todas essas *regras de aplicação* para realizar inferências necessárias à leitura das categorias. Utilizando todos esses métodos, num processo que, embora complexo, realizamos a todo momento de modo inconsciente, podemos inferir não apenas que a ‘mamãe’ é mãe daquele ‘bebê’, como também que esse bebê pertence, ao mesmo tempo, aos MCPs ‘família’ e ‘estágio de vida’ – e isso é capaz de revelar um estoque de saberes e normas culturais, por exemplo, o fato de acharmos normal uma mãe cuidar zelosamente de sua pequena cria. A categoria ‘bebê’ poderia ser usada sem que se

⁵ No original: “If a category bound activity is asserted to have been done by a member of some category where, if that category is ambiguous (i.e. is a member of at least two different devices) but where, at least for one of those devices, the asserted activity is category bound to the given category, then hear that *at least* the category from the device to which it is bound is being to hold”

ativasse o MCP ‘estágio de vida’ – “uma mulher pode referir-se a alguém como ‘meu bebê’ sem que isso sugira que esteja empregando a categoria pertencente ao dispositivo ‘etapa de vida’; seu bebê pode ser um adulto plenamente constituído”⁶ (Sacks, 1974, p. 220, tradução nossa) – mas não parece ser esse o caso aqui, já que não consideraríamos normal uma mãe pegar seu filho adulto no colo assim que este chorasse. Como vemos, é a ativação de vários métodos que nos permite chegar à inferência específica para cada caso em questão, como esclarecem Hester e Eglin:

Essa máxima do ouvinte possibilita, portanto, uma interpretação mínima: “o bebê chorou” refere-se, “pelo menos”, ao “bebê do dispositivo etapas da vida”. Essa máxima não é empregada isoladamente. As interpretações resultam do emprego de mais de uma máxima. A máxima acima é utilizada em combinação com a regra da consistência [...]. Esta última fornece “bebê” como membro de “família”, enquanto a primeira fornece “bebê” como membro do dispositivo “etapas da vida”. A combinação dessas interpretações nos leva ao resultado de que o bebê não é apenas o bebê da mamãe, mas também um bebê ao qual o choro está categorialmente vinculado⁷ (Hester e Eglin, 1997, p. 6, tradução nossa).

Toda essa maquinaria de categorização chama a atenção para o fato de que “a produção de um enunciado é reciprocamente ativa, uma questão oral-auditiva” (Gastaldo e Watson, 2015, p. 144), ou seja, a produção de enunciados é um processo dialógico. Isso nos permite compreender que o entendimento mútuo depende de uma arquitetura comum sob a qual os interagentes possam construir a intersubjetividade através da produção de enunciados.

A prática de pesquisa em ACP depende da disponibilidade do analista para perceber as *categorias*, os *dispositivos de categorização* e os *predicados* das categorias tal como são usados pelos interagentes numa situação concreta. Assim, poderemos perceber, emicamente, não apenas a maneira como os interagentes se entendem mutuamente (através dos contextos concretos que mobilizam na produção de categorias),

⁶ No original: “a woman may refer to someone as ‘my baby’ with no suggestion that she is using the category that occurs in the ‘stage of life’ device; her baby may be a full-fledged adult”.

⁷ No original: “This hearer’s maxim, then, provides for a minimal hearing: the ‘baby cried’ refers ‘at least’ to ‘baby from the stage of life device’. This maxim is not used by itself. Hearings are the result of the use of more than one maxim. The maxim above is used *in combination* with the consistency rule [...]. The latter gives ‘baby’ as a member of ‘family’, whilst the former gives ‘baby’ as a member of the ‘stage of life’ device. Combining these hearings provides us with the result that the baby is not only the baby of the mommy but also a baby from whom crying is category-bound”.

mas também os dilemas categoriais que formam visões de mundo distintas (quando há um conflito na mobilização do contexto relevante) e até mesmo se os falantes têm insucesso na construção da intersubjetividade.

Um exemplo concreto: mobilização de categorias de pertencimento em um trecho do programa Roda Viva

Apresentamos, a seguir, a transcrição de um trecho de uma edição do programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, exibida em 20 de fevereiro de 2012, que teve como convidada a cartunista Laerte. Naquele período, Laerte havia recentemente tornado pública sua vivência como *crossdresser*, tema que passou a receber ampla atenção na esfera pública nacional. No excerto selecionado, a convidada e a psicanalista Anna Verônica Mautner engajam-se em uma troca conversacional na qual diferentes categorias de pertencimento são tornadas relevantes. A análise mostrará como essas categorias são produzidas, mobilizadas e interpretadas pelas participantes no “aqui e agora” dessa situação interacional específica. O excerto foi transcrito de acordo com as convenções de transcrição jeffersonianas⁸, e sua análise segue uma perspectiva êmica e sequencial, característica da ACP.

⁸ A transcrição jeffersoniana é um sistema de transcrição desenvolvido pela socióloga Gail Jefferson que, diferentemente de uma transcrição convencional, busca capturar a fala tal como ela é produzida, levando-se em conta aspectos de ritmo, pausas, entonação, sobreposições de fala etc. Esse tipo de transcrição, padrão nas análises etnometodológicas da fala-em-interação, permite captar com maior precisão os métodos sequenciais usados pelas pessoas para interagir pela fala.

001 A.V.M. Eu pergunto o seguinte hh (2.0) Por que você: (0.9) ao
 002 escolher (2.7) ((olha para cima como se procurasse o melhor
 003 termo)) o vestido em vez da:: (1.0) d- do traje masculino
 004 (.) né? .hhhh é::: você (.) escolheu (0.9) um estilo
 005 cla::sse mé:dia (1.3) e não classe alta- >hoje você está
 006 excepcionalmente< (.) chique (porque)eu já te vi outras
 007 vezes- hoje você tá (.) chique. Mas não é assim você
 008 normalmente. Você é bem mais: (1.2) eh::classe média (1.2)
 009 é b- é bem ma:is: ((novamente olha pra cima como se
 010 procurasse o melhor termo) (1.2) eh:: (2.0) bem mais tia
 012 (1.3)
 013 L. é verdade=
 014 A.V.M. =eh (.) hoje você não está vestida de tia. O que eu
 015 conheci até agora era uma tia (.) voc- (0.4) porque que
 016 você gosta de ser tia? por que é é é o que você faz
 017 normalmente, né? Eu te vi andando em Paraty, não sei
 018 aonde te vi aqui em são paulo também já algumas vezes
 019 (1.3)ah na rua (0.5) porque [porque essa figura da tia?]
 020 L. [Não sei é é uma] [boa pergunta]
 021 A.V.M. [É a psicanalista] viu? (0.4) que tá perguntando (.)
 022 [quero ver as raízes do]
 023 L. [É (.)é per] pergunta de psicanalista mesmo ((risos))
 024 A.V.M. ((risos))
 025 L. eh:: é eu teria que: que parar pra pensar um pouco- eu
 026 procuro quando quando eu co- comecei a me vestir (0.8)
 027 com roupas femininas (.) eu me vi frente a um universo
 028 era que nem aquela cena do Matrix assim (.) que o cara
 029 faz assim ((estala os dedos)) brrrrrrrrmmmm vem aquelas-
 030 milhares de prateleiras de armas e tal não sei o quê (.)
 031 era meio isso eu fiz assim [estala os dedos novamente]
 032 apareceu um quantidade de (.) de opções né? de [de]
 033 A.V.M. [Mas] você optou <decididame:nte> >pela mulher de<
 034 classe média
 035 L. nã- eu acho que por timide:z (.) eu ach- nã- não sei
 036 [direito desenvolver isso agora]
 037 A.V.M. [que não é a mulher chique] Não é que você se *crossdressed*
 038 ((faz um gesto levantando a mão, como enaltecendo algo))
 039 (0.4) e aí ficou uma:: (0.5)
 040 granfina, uma modelo ou:: >enfim<

Observaremos a transcrição desta sequência tentando perceber como os participantes constroem a intersubjetividade ao tematizar a identidade *crossdresser*. A questão específica que queremos colocar é a seguinte: qual é o contexto em que são produzidas e interpretadas – ou seja, que sentido têm nessa interação – as categorias ‘classe média’, ‘classe alta’, ‘chique’ e ‘tia’ (as categorias através das quais a entrevistadora Anna Verônica Mautner tenta construir uma descrição da *crossdresser* Laerte)?

Sabemos que, se Laerte ouvisse essas categorias independentemente da sequência expressa na transcrição acima, como se elas estivessem “soltas” no tempo e no espaço, não seria capaz de compreender – a não ser de modo literal – do que tratam, pois não teria um contexto que a auxiliasse a interpretá-las. Mas, como as observa como parte de uma

sequência interacional específica, em que essas categorias são produzidas de um modo particular, Laerte é capaz de perceber o contexto exato ao qual deve recorrer para interpretá-las.

Como veremos logo à frente, essas categorias não funcionam como parte do mecanismo de categorização de pertencimento (MCP) ‘classe social’ – como poderiam sugerir as categorias ‘classe média’, ‘classe alta’ e mesmo ‘chique’ – nem como pertencentes aos MCPs ‘família’ e ‘estágio de vida’ (e até mesmo ‘estado civil’), como poderia sugerir a categoria ‘tia’. Um possível MCP transversal a todas essas categorias seria o que aqui chamaremos, na falta de melhores termos, de ‘tipos estéticos de se vestir’ ou, simplesmente, ‘estética’. Podemos dizer que um possível contexto que a psicanalista Anna Verônica Mautner está mobilizando ao falar em ‘tia’, ‘classe média’, ‘classe alta’ e ‘chique’ não é algo relativo à classe social, ao estágio de vida, ao estado civil ou à família, mas sim à estética.

A conclusão de que o contexto, nesse momento da interação, está ligado ao universo da *estética* deve-se à aplicação simultânea, pelos interagentes, de duas *regras de utilização*: a *regra da consistência* e uma das *máximas do ouvinte*. A *regra da consistência* diz que “se duas categorias de pertencimento ocorrem próximas uma da outra, e elas podem ser consideradas como parte do mesmo MCP, então elas devem ser consideradas assim” (Gastaldo e Watson, 2015, p. 143). Já a *máxima do ouvinte*, para esse caso, aponta que

Se se afirma que uma atividade vinculada a uma categoria foi realizada por um membro de determinada categoria e essa categoria é ambígua (isto é, pertence a pelo menos dois dispositivos distintos), mas, em pelo menos um desses dispositivos, a atividade afirmada está vinculada à categoria em questão, então se deve ouvir que está sendo afirmada, no mínimo, a categoria pertencente ao dispositivo ao qual essa atividade está vinculada⁹ (Sacks, 1974, p. 224, tradução nossa).

Desse modo, mobilizando esses dois métodos, as categorias ‘classe média’, ‘classe alta’, ‘chique’ e ‘tia’ podem ser lidas a partir do MCP ‘estética’, já que a atividade categorialmente conectada a elas (ACC) – *vestir-se* (que podemos perceber entre as linhas

⁹ No original: “If a category-bound activity is asserted to have been done by a member of some category where, if that category is ambiguous (i.e. is a member of at least two different devices) but where, at least for one of those devices, the asserted activity is category bound to the given category, then hear that *at least* the category from the device to which it is bound is being asserted to hold”.

001 e 004) – é uma atividade que as poderia relacionar – todas elas transversalmente, atendendo à *regra da consistência* – àquela coleção: pessoas se vestem como ‘tias’, como membros da ‘classe média’ ou da ‘classe alta’ e de modo ‘chique’. Nesse contexto, ‘classe média’, ‘classe alta’, ‘chique’ e ‘tia’ são tipos estéticos.

Outros elementos que nos ajudam a compreender o contexto em que essas categorias foram produzidas, além dos etnométodos categoriais citados, são os métodos sequenciais a partir dos quais essas categorias foram expressas. A maneira como Anna Verônica produziu essas categorias em seu turno de fala ajuda a criar o quadro inferencial em que elas devem ser lidas. Ao falar de categorias tão discrepantes entre si, Anna Verônica produziu pausas longas (entre as linhas 001 e 012) e um olhar que apontava para cima (linha 002), como indicativos de estar elaborando um pensamento ainda em curso. Todas essas sinalizações – uso de categorias aparentemente discrepantes; hesitação através do uso de pausas; olhar para cima no momento da produção da fala – nos pareceram formas situadas de indicar que ela estava num processo interno de procura de palavras, na busca por melhores categorias para exprimir o que realmente estava querendo dizer. Esta procura parece, por si só, uma maneira situada de propor um quadro inferencial local – de criar um contexto enunciativo, enfim – para que a leitura daquelas categorias não fosse realizada de modo literal.

Mas, como a percepção do contexto não pode ser um *insight* do pesquisador, mas uma construção dos próprios membros participantes da interação, precisamos ver se é mesmo assim que a cartunista Laerte entende o uso daquelas categorias. E esse parece, efetivamente, ser o caso quando olhamos para seu turno de fala, localizado entre as linhas 025 e 032, no qual ela tenta dar uma resposta à pergunta de Anna Verônica:

025 L. eh:: é eu teria que: que parar pra pensar um pouco- eu
026 procuro quando quando eu co- comecei a me vestir (0.8) com
027 roupas femininas (.) eu me vi frente a um universo era que
028 nem aquela cena do Matrix assim (.) que o cara faz assim
029 ((estala os dedos)) brrrrrrrrmmmm vem aquelas- milhares de
030 prateleiras de armas e tal não sei o quê (.) era meio isso
031 eu fiz assim [estala os dedos novamente]
032 apareceu um quantidade de (.) de opções né? de [de]

Laerte não torna relevantes questões relacionadas com ‘classe social’, ‘estágio de vida’, ‘estado civil’ ou ‘família’, mas se serve de seu turno de fala para falar das *opções e possibilidades estéticas que se abriram quando passou a ser crossdresser*, indicando

que ouviu aquelas categorias a partir do MCP ‘estética’. O contexto, construído colaborativamente por Anna Verônica e Laerte, é mais uma discussão sobre estética do que sobre classe social, idade ou família, mesmo que, para tanto, se mobilizem categorias típicas dos mecanismos de categorização ‘família’, ‘estágio de vida’ e ‘classe social’.

Isso nos faz entender que Anna Verônica não está mobilizando essas categorias para perguntar se Laerte prefere ser classe média ou classe alta, por exemplo. Na verdade, é como se ela perguntasse: “já que você está se vestindo como mulher, por que não usufruir da maior abertura à estetização de si que geralmente é dada aos membros do universo feminino?” (e essa glosa parece se confirmar, nas linhas 039 e 040, quando Anna Verônica diz – continuando, aliás, a se utilizar de categorias do MCP ‘estética’ – que, apesar de Laerte se travestir, não ficou como uma ‘granfina’ ou ‘modelo’).

Esse contexto criado localmente – em que se relaciona o universo feminino à estética – poderia nos levar a entender a fala de Anna Verônica como uma fala machista. Entretanto, sua fala não deve – de modo precipitado e sem atenção à sequencialidade da interação – ser caracterizada como um discurso de objetificação da mulher pelo simples fato de a entrevistadora ter situado contextualmente o universo feminino a partir de uma dimensão estética. É preciso notar que a própria Laerte não encara a conexão entre o *feminino* e o *apuro estético* como algo negativo e objetificador, mas, ao contrário, como uma possibilidade de linguagem e uma maior abertura estética em relação ao universo masculino, como fica evidente em suas respostas entre as linhas 025 e 032 e entre as linhas 035 e 036 (e ainda em outro ponto da entrevista, não transcrito aqui, quando Laerte considera a conexão entre o universo feminino e a estética como “um prazer”).

Percebemos, desse modo, um contexto sociocultural-em-ação nesta pequena sequência interacional dentro do programa Roda Viva: uma dimensão normativa e cognitiva que expressa a conexão entre o universo feminino e o apuro-preocupação-deleite estético, sem que isso, entretanto, seja necessariamente encarado como objetificação da mulher ou do feminino.

Considerações finais

A ACP permite-nos observar – através dos trabalhos de categorização realizados pelas pessoas – uma cultura-em-ação e uma estrutura-em-ação nos mais variados domínios da vida cotidiana de uma sociedade. A respeito dos estudos de Sacks sobre os

processos de categorização, Rod Watson afirma, ainda, que “ele procurou mostrar que a categorização deveria ser analisada como uma atividade cultural metódica – isto é, procedimental –, e não como aplicação de uma grade cultural ou semântica inerte”¹⁰ (1994, p. 152, tradução nossa).

O trabalho do analista das categorizações apresenta uma dupla agenda interligada: por um lado, compreender os sentidos situados das entidades singulares do mundo social, ou seja, os atributos e características conectados às categorias usadas para descrever o mundo nas mais variadas situações e, por outro lado, de modo a atingir esse objetivo, perceber os métodos utilizados para descrever o mundo através de categorias – a atividade metódica de produção de categorias de que falou Rod Watson no parágrafo anterior. São esses métodos que vão revelar uma maquinaria utilizada pelas pessoas para produção e interpretação dos signos categoremáticos.

Além disso, para a ACP, a tarefa do analista das categorizações não pode se dar no sentido de criticar as descrições categoriais feitas pelas pessoas, objetivando mostrar sua suposta validade ou invalidade, mas no de descrever essas descrições (Bonu, Mondada, Relieu, 1994, p. 130 e 131). Criticar as descrições do mundo social feitas pelos participantes de uma interação demonstra uma atitude antifenomenológica e antipraxeológica que encara o mundo social como algo formado por dados objetivos e independentes de qualquer contexto ou, na melhor das hipóteses – quando se admite uma inflexão contextual na constituição das entidades singulares do mundo –, demonstra um entendimento do contexto como se esse fosse expresso por um conjunto de saberes socioculturais dados – e, portanto, reificados – que deveria comandar tanto o processo de produção como o processo inferencial de interpretação de categorias, ignorando e negligenciando o fato de que a natureza situada do mundo social e das categorias que o descrevem é dinâmica, fluida e construída passo a passo no momento da interação.

Referências

BAKER, C. Membership categorization and interview accounts. In: Silverman, D. (Org.). **Qualitative research: Theory, method and practice**, 162-176, 1997.

¹⁰ No original: “il a cherché a montrer que la catégorisation devait être analysée comme une activité culturelle méthodique (procédurale) plutôt que comme l’application d’une grille culturelle/sémantique inerte”.

BONU, B., MONDADA, L., & RELIEU, M. Catégorisation: l'approche de Sacks. In: Fradin, B., Quéré, L. e Widmer, J. (Orgs.), **L'enquête sur les catégories: de Durkheim à Sacks**. Paris: EHESS, 129-148, 1994.

BRAGA, A.; GASTALDO, É. Pertencimento como categoria analítica: etnometodologia para os estudos de comunicação. In: **E-Compós**, V. 22, 2019. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1563>

BRAGA, A., GASTALDO, É e GUIMARÃES, J. Análise de categorização de pertencimento nos estudos de comunicação: um ensaio de metodologia aplicada. In: **Brazilian Journalism Research**, vol. 12, n.2, 212-227, 2016.

CLIFTON, J. A membership categorization analysis of the Waco Siege: perpetrator-victim identity as a moral discrepancy device for 'doing' subversion. In: **Sociological Research Online**, vol. 14, n.5, 1-11, 2009.

GASTALDO, É. e WATSON, R. **Etnometodologia e análise da conversa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

HESTER, S. e EGLIN, P. Membership categorisation analysis: an introduction. In: Hester, S. e Eglin, P. (Orgs.), **Culture in action: studies in membership categorization analysis**. Lanham: University Press of America, 1997.

LEPPER, G. **Categories in text and talk: a practical introduction to categorization analysis**. Londres: Sage, 2000.

OSTERMANN, A. C. e SELL, M. Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: (des)construção discursiva do homogêneo masculino. In: **ALFA: Revista de Linguística**, vol. 53, n.1, 11-34, 2009.

RODRIGUES, A. D. **A partitura invisível: para uma abordagem interactiva da linguagem**. Lisboa: Colibri, 2005.

SACKS, H. On the analyzability of stories by children. In: Turner, R. (Org.), **Ethnomethodology**. Middlesex: Penguin Education, 216-232, 1974.

WATSON, R. Catégorie, séquentialité et ordre social. In: Fradin, B., Quéré, L. e Widmer, J. (Orgs.), **L'enquête sur les catégories: de Durkheim à Sacks**. Paris: EHESS, 151-184, 1994.